



PEQUISARAU: NARRADORES DE HISTÓRIAS DO TOCANTINS

PEQUISARAU: TOCANTINS STORYTELLERS

Gleuter Alves Guimarães (UFG/IFTO)¹

RESUMO

A Pesquisa é em “Performances Culturais” da UFG. O tema são os narradores de histórias do Tocantins. O marco da pesquisa foi a experiência durante a pandemia em 2020. Ministrei curso “Contadores de Histórias” pelo IFTO, *on line*. As vagas contemplaram todas as regiões brasileiras, formando uma rede de culturas e saberes com troca de experiências e histórias. “Pequisarau” é a junção do pequi, símbolo do cerrado, e sarau que representa a poesia e a cultura nas histórias dos povos. Foi o evento final do curso com os participantes interpretando histórias pelo *youtube* divulgando suas culturas e saberes. O processo despertou a pesquisa por pessoas que contam histórias das culturas do Tocantins. As histórias passadas de gerações continuam por diversas formas de transmissão. O foco são os narradores, que vivem a realidade e poesia nas manifestações culturais, contando suas histórias e lendas ou em canções que poetizam as tradições. Percebemos a importância das narrativas e de contá-las para a memória do povo. Eles Narram o Tocantins através das palavras ditas, escritas ou em contação de histórias onde há ouvintes e futuros narradores, propagadores da cultura tocantinense.

Palavras-chave: Contadores de histórias; Tocantins; Cultura Tocantinense; Narradores.

ABSTRACT

The research is in the "Cultural Performances" program at UFG (Federal University of Goiás). The theme is storytellers from Tocantins. The research was initiated during the 2020 pandemic. I taught an online course called "Storytellers" through IFTO (Federal Institute of Tocantins). The course offered places for participants from all regions of Brazil, forming a network of cultures and knowledge through the exchange of

¹ Professor de Artes no Instituto Federal do Tocantins (IFTO). Doutorando em “Performances Culturais” na Universidade Federal de Goiás (UFG). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Hartmann (UnB/UFG). Bolsista CAPES (doutorado). IFTO Pró-qualificar. “Artista-docente Contador de histórias”. Licenciado em Artes Cênicas (UFG). Mestre em Artes (UFU). E-mail: gleuter.guimaraes@ifto.edu.br



experiences and stories. "Pequisarau" is a combination of pequi, a symbol of the Cerrado (Brazilian savanna), and sarau, representing poetry and culture in the stories of the people. It was the final event of the course, with participants interpreting stories on YouTube, sharing their cultures and knowledge. This process sparked research into people who tell stories about the cultures of Tocantins. Stories passed down through generations and continue through various forms of transmission. The focus is on the storytellers, who experience reality and poetry in cultural manifestations, telling their stories and legends or in songs that poetically express traditions. We realized the importance of narratives and tell them for the memory of the people. They narrate the story of Tocantins through spoken words, writing, or storytelling, where there are listeners and future narrators, propagators of Tocantins culture.

Keywords: Storytellers; Tocantins; Culture of Tocantins; Narrators.

ERA UMA VEZ UM PÉ DE PEQUI LÁ NO CERRADO TOCANTINENSE.

Em sua sombra as histórias vão sendo contadas. Histórias reais ou imaginárias. De personagens que buscam as sombras para descansar do sol escaldante ou de outros que vivem nas águas dos rios Tocantins e Araguaia.

Sou um contador de histórias! Viajo pelo mundo como viaja o vento, de um lado a outro, sem ser visto, mas deixando sempre a sensação de estar presente. As histórias fluem no cerrado do Tocantins. À sombra dos pequizeiros os encontros acontecem, pessoas que relembram fatos e criam histórias. A poesia surge na visão do horizonte e das paisagens que atravessam cerrados e rios. Assim percorro os caminhos que me levam aos encontros com as narrativas, as poesias, a música e os narradores desse território cheio de histórias a serem contadas e expressadas para outros ouvintes desta e de outras terras pelo Brasil.

Minha pesquisa em Performances Culturais busca esse encontro com as narrativas e os narradores do Tocantins. "Pequisarau" é o encontro de palavras que trazem significado poético às narrativas do povo tocantinense. O pequi é um símbolo do cerrado tocantinense, fruto que representa o alimento para o corpo e evoca o alimento das emoções e dos sentimentos presentes na memória e nas raízes da população. A árvore do pequizeiro abriga e acolhe as pessoas em sua sombra, lugar



de descanso e encontros. Associar em uma palavra a representatividade do pequi com a poesia dos saraus é a confluência das histórias da vida. É poesia que se funde ao alimento, é transformação de palavras em histórias e sensações. É o sabor que vem do fruto e dos versos gerando histórias para serem contadas e saboreadas onde houver ouvidos para ouvir e espaço para acolher sementes de poesia e sentimento.

VIVENDO HISTÓRIAS NO TOCANTINS

Falar sobre a pesquisa é performar pelos caminhos de rios e cerrados.

Venho das Minas Gerais percorrendo estradas.

Chego ao Tocantins de calor do sol e aquecimento humano.

Ouço sons de aves, rios e tambores que ultrapassam a audição

Atingem a mente o coração.

“Pequisarau” foi a motivação para desbravar esse estado em busca das riquezas de suas palavras, poesia e histórias. Histórias que se espalham pelas vozes de narradores que insistem em proclamar a vida do povo que habita esse território. Narrativas que enaltecem suas belezas naturais, seus personagens cheios de mistério e de sonhos. Histórias que visitam a memória e trazem à mente as lutas e conquistas de povos originários. Lutas que continuam a serem travadas a cada dia. Os narradores buscam os sonhos através das palavras, da música e da imaginação.

O Pequisarau foi um evento realizado durante o período da pandemia para finalização do curso de Contador de Histórias que ministrei pelo IFTO. participantes de todo Brasil contaram histórias de forma *on line* representando a cultura de cada estado ou região. Tocantins impulsionando encontros de arte e cultura para todo o país, percorrendo as imagens, poesia e histórias que expressam a vida e os sentimentos. A partir desse momento me motivei a pesquisar quem são e o que dizem os contadores de histórias do Tocantins.

Os encontros significam os contatos iniciais com pessoas que contam histórias no Tocantins. Assim, esses primeiros encontros significaram os contatos iniciais com pessoas que contam histórias no Tocantins e foram fundamentais no processo de



entendimento e conhecimento de histórias e narradores tocantinenses. Esses entrevistados vieram de pesquisas feitas para saber quem participa da cena cultural da região, por meios de literatura e de indicações de outras pessoas que são envolvidas na arte e cultura local. Comecei em Gurupi, cidade no sul do estado, onde resido e a partir dessas conversas busquei os contatos com os que vivem em outras cidades.

A emoção transmitida ao narrar suas próprias trajetórias e de memórias são contagiantes impulsiona a buscar novos encontros à sombra de cajueiros, pequizeiros ou outros espaços de histórias do Tocantins. Passo a palavra àqueles que contam, narram e vivem as histórias tocantinenses.

NARRADORES À SOMBRA DO PÉ DE PEQUI

IRMA GALHARDO (Palmas - TO)

Começo ouvindo a voz de uma pessoa que literalmente me recebeu à sombra de uma grande árvore. Em sua casa, sob um grande pé de caju, Irma Galhardo conta sua trajetória em versos que a levaram ser uma contadora de histórias, narradora das lendas e personagens do Tocantins. Ela se apresenta:

Eu moro no Tocantins
Terra de muita magia
E carrego outros valores
Pois eu sou tocantinense
Que nasceu lá na Bahia.

(GALHARDO, 2024)²

A poesia e os versos estão arraigados, ela é cordelista e as histórias que publica são sempre rimadas. Ela conta que teve influência dos “disquinhos” coloridos que havia com as histórias clássicas e os contos de fada em versos. Ela ganhou com 9 anos o amarelinho que era a história do “Pequeno Polegar”: “era tão pequenininho / que ao nascer posso afirmar / tinha assim o tamanhozinho / de um dedinho polegar /

² Entrevista concedida Irma Galhardo a Gleuter Alves Guimarães, Palmas (debaixo do cajueiro), 9 de abril de 2024.



uma caixinha de nozes foi seu berço / e carinhosa sua mãe sempre o cobria / com a pétala de rosas / mas aos poucos foi crescendo / mas tão pouco e devagar / que um dia o apelidaram de Pequeno Polegar”.

Irma se delicia ao falar os versos e lembrar que decidiu encantar como ela foi encantada com esses versos. Escritora, com diversos livros publicados, ela diz que seus livros, principalmente os ilustrados são sempre com histórias rimadas. Quando circula em escolas com seus projetos ela fala das crianças que acompanham as histórias, pois quando começa a declamar as crianças reagem acompanhando e recitando junto alguns versos das histórias, como no caso do “Pirarucu encantado” ela começa a contar: “Conta a lenda do lugar que quem sai para pescar em noite de lua cheia...” os meninos respondem: “pode vir o peixe grande...” e ela diz que é uma coisa linda essa resposta, eles decoram e tem de fato o fascínio pelas histórias rimadas e ela percebe o poder da sonoridade dos versos. Em 2011 ela lançou seu primeiro livro “Epopéia Tocantinense” que conta a história do Tocantins desde 1610 até hoje, uma história rimada, um cordel. Esse livro deu muito certo, foi para as escolas e as crianças estudam história do Tocantins no 6º ano, e adotado em todo o Estado e preencheu uma lacuna da história tocaninense de forma atraente para o aluno.

“Caravana das lendas” foi um projeto criado por ela que circulou em vários estados do Brasil, contando histórias e lendas dos rios e matas tocaninenses. Foi premiada e continuou com sua caravana percorrendo o estado e criando novos projetos para divulgação de histórias. Hoje ela circula com o “Tocantins poético e lendário”, uma nova caravana que sai pelas escolas, praças e bibliotecas levando as narrativas do povo tocaninense para outros lugares.

DORIVÃ (Palmas – TO)

Ouçó o cantar do “Passarim do Jalapão” como é conhecido o poeta e cantador Dorivã:

Passarim do Jalapão
Me revele alguns segredos
Teus mistérios e magia
Cante ao povo brasileiro



Conte ao povo brasileiro
Porque a cachoeira é da velha
Se dá formiga em queda d'água
Como é que aqui nasceram dunas?
Se nem é beira de mar

E nas águas do "frevedor"
Por que que eu não consigo afundar?
Cacimba que sacia a sede
Dessa gente que a gente nem vê
Guarde um pouco dessa água
Deixa esse povo beber.
Teus morros povoaram sonhos
Criando mistérios e lendas
Desenharam templos em pedras
Coisas que eu nem sei cantar
Rezadeira de Bendito
Faça um chapéu pra mim
Que é pra eu poder usar
Quando eu for lá pro Bonfim.

(Dorivã, 2019)

Dorivã é nascido no interior do Tocantins, de raízes indígenas e negras, viveu na roça e cresceu ajudando a mãe nas feiras e mercado de Gurupi. Conta que sempre ia ajudá-la nesse trabalho, e nesse meio foi conhecendo pessoas e a música. Diz que sempre teve a música no sangue e que é um "apaixonado pelo canto e terra", convivendo com quem fazia trabalho autoral, que era o que ele queria. Relata que a música de festival é específica, social, ecológica de temas sociais atuais. Para ganhar um festival é preciso estar ligado nessas temáticas como natureza, ecologia, indígena, afrodescendentes e temas políticos sociais. Começou se apaixonar por esse "mundo" e nesse espaço ele encontrou Genésio, Braguinha, Juraídes, Éverton dos Andes, do Tocantins e com compositores do Maranhão como Nenê Bragança e Zé Tocantins, figuras marcantes dessa regionalidade.



“Eu sou um narrador de canções. Eu vou no Bonfim, eu narro o que vi lá no Bonfim. Eu vou no Jalapão eu narro o que eu vi lá. Eu vou em Taquaruçu, eu narro o que houve em Taquaruçu.” (DORIVÃ, 2024, informação verbal)³. Assim ele se torna um “narrador de cantigas” e leva as culturas tocantinenses através de sua voz. A letra da música acima se tornou um hino das canções da região e deu a ele o apelido de “Passarim do Jalapão”. Conta que a letra surgiu “Quando eu fui ao Jalapão pela primeira vez, andei o dia todo e não via passarinho”, ficou preocupado por não ver nenhum, aí no outro dia foi à “Cachoeira da velha”, no rio novo e viu o primeiro passarinho. “Tive um diálogo com o passarinho e, tive uma sintonia com aquele passarinho, e de repente, ele me trouxe a inspiração dessa canção”. Imagens e sentimentos de lugares e personagens com que ele contracena para sua narrativa musical traçam o perfil e a trajetória desse narrador que tem muita história pra contar através de suas palavras e música.

VALDEMAR DO CORDEL (Silvanópolis – TO)

Imaginem uma aula ministrada em versos. Será que os estudantes gostam? Apresentamos o professor, cordelista, cantador, contador de histórias e outras artes. O nome dele é Valdemar, tocantinense de Porto Nacional, residente em Silvanópolis. Deixemos que ele traga os versos de sua apresentação. Usando um pandeiro ele diz:

Pra você que não conhece
quero me apresentar
Sou poeta aqui do Norte,
sou artista popular
Se quiser saber quem sou
O meu nome é Valdemar!
Sou Demar Cordel
Sou poeta aqui do norte
Não sou homem de dinheiro
Mas sou um cara de sorte
Sou apaixonado por leitura
Fascinado por leitura
Não levo vida de rico
Enfrento com bravura

³ Entrevista concedida por Dorivã a Gleuter Alves Guimarães. Via *GoogleMeet*, Palmas – TO, 11 de abril de 2024.



Detesto murmuradores
Que deviam aprender ler
Ao invés de reclamar
Pegasse um livro pra ler
Aprendi a fazer versos
Fazendo muita leitura
Não foi fácil, desdobrei
Se sou culto eu não sei
Sei que tenho muita bravura
De uma coisa tenho certeza
Sou pregador de cultura.
Gosto daquele que fala
Cumpre o que promete.

(VALDEMAR DO CORDEL, 2024)⁴

Assim esse professor artista faz sua apresentação pessoal. Um cordelista que canta em versos as histórias do Tocantins. Licenciado em Música com pós-graduação na área de artes, fez vários cursos de contador de histórias que ele agrega em sala de aula e nas apresentações artísticas. Quando ministra oficinas ele diz que acrescenta as histórias porque fortalecem seu trabalho como uma “cerejinha do bolo”. Sobre as raízes de cordelista e contador de histórias ele conta que seu pai, um maranhense “trecheiro”, ou seja, que andou muito pelo país, ele conheceu a literatura de cordel. Moravam em uma fazenda em Goiás na sua infância e lá seu pai tinha uma caixa de literatura de cordel com histórias antigas, tipo “Lampião”, “Cancão de Fogo”, “Pedro Malasartes” e através dele eu foi escutando e lendo os versos. Ele demonstra uma que o seu pai cantava: “Um cabra de Lampião / por nome Pilão deitado / que morreu numa trincheira / num certo tempo passado / anda correndo bisonho agora no sertão / fazendo mal-assombrado.” Achava aquilo muito legal, seu pai semianalfabeto decorava e recitava e então quis buscar onde ele achava isso, ele falou que era nos romances, pois até então ele falava que o cordel era um romance. A partir desse interesse começou a ler esses pequenos livros e as rimas davam mais impulso para

⁴ Entrevista concedida por Valdemar do Cordel a Gleuter Alves Guimarães. Via *GoogleMeet*, Silvanópolis - TO, 12 de abril de 2024.



continuar a leitura. Foi então seu primeiro professor, o pai incentivador, o filho que vê o pai fazer e faz também, o exemplo passado da leitura de versos e histórias.

Sobre seguidores, pessoas que se interessem em fazer poesia, ou escrever e mesmo cantar através da sua referência, Valdemar diz que está em plantio dessa forma de cultura entre seus alunos. Faz pouco tempo que ele está nessa cidade e nessa escola, e o que ele percebe é que existe fortemente as serestas e o forró dos teclados, além das manifestações locais como a folia e os festejos. Ele vê que é preciso semear e mostrar outros estilos de música e de literatura além dos textos dos livros escolares para tirar nota a esses alunos. Pensa em fazer uma “Cordelteca” em sua casa, buscando recursos para ter esse espaço com rede, cadeiras para degustação de cordel pelas pessoas, de forma gratuita. Então é uma semeadura para colher discípulos para a arte. Fala para seus alunos que a arte tem valor que os artistas que hoje têm telas caras também começaram do zero. Dessa forma o poeta do norte expande seus versos para que as histórias e os narradores se multipliquem nas regiões do Tocantins.

Outros nomes se sentaram nesse nosso pequizeiro imaginário e contaram suas histórias e narrativas. Cito algumas palavras marcantes de narradores com quem conversei e passei momentos de escuta e de visão dos cenários e palavras compartilhadas.

Zacarias Martins, poeta, escritor, contador de causos diz:

“Fui testemunha de todo processo de criação do novo estado e do desenvolvimento Regional, com a vinda de pessoas de outras regiões do país. Através da literatura e das palestras em escolas posso lançar essa semente histórica e de identidade nas crianças, nos jovens e pessoas que chegam por aqui.” (Zacarias Martins, 2024)⁵.

Éverton dos Andes, artista, historiador, compositor e cineasta divulgador da cultura tocantinense e de suas lendas relata:

“As lendas eram muito comuns em Porto Nacional por ser uma cidade ribeirinha. Os moradores sempre tiveram o hábito de frequentar o rio (Tocantins) e uma das formas

⁵ Entrevista de Zacarias Martins a Gleuter Alves Guimarães, Gurupi – TO no IFTO Campus Gurupi. 01 de abril de 2024.



que os pais encontravam de amedrontar crianças e adolescentes era contando histórias e lendas que amedrontavam os filhos.” (Éverton dos Andes, 2024)⁶

A Professora Roberta Tavares, pesquisadora da dança “Suça” (dança de origem africana e presente nas culturas quilombolas do Tocantins) fala da importância das tradições serem preservadas:

“O mais importante é que isso a gente tá levando para nossas crianças e jovens pra perpetuar essa tradição, que é a identidade, é a raiz ancestral daqui do Tocantins”. (TAVARES, Roberta. 2024)⁷

Paulo Albuquerque, jornalista, músico e pesquisador que veio do rio Grande do Sul e se estabeleceu no Tocantins pesquisa as culturas tocaninenses afirma sobre as narrativas que encontra na região:

“É preciso buscar coisas belas em algo que não está necessariamente na mídia” (ALBUQUERQUE, Paulo. 2024)⁸. Seu parceiro de festivais, compositor e cantador tocaninense Chico Chocolate diz da importância do próprio povo conhecer suas histórias: “Vamos nos conhecer mais” (CHICO CHOCOLATE, 2024)⁹.

Os narradores traduzem os sentimentos de pessoas que pertencem a essa terra, nascidas no território tocaninense ou vindos de outros pontos do país, mas sempre com sentimentos e emoções ligadas aos rios, cerrados e pessoas que constroem com palavras, emoções e vida a história do Tocantins.

⁶ Entrevista concedida por Everton dos Andes a Gleuter Alves Guimarães. Via GoogleMeet, Porto Nacional – TO, 10 de abril de 2024.

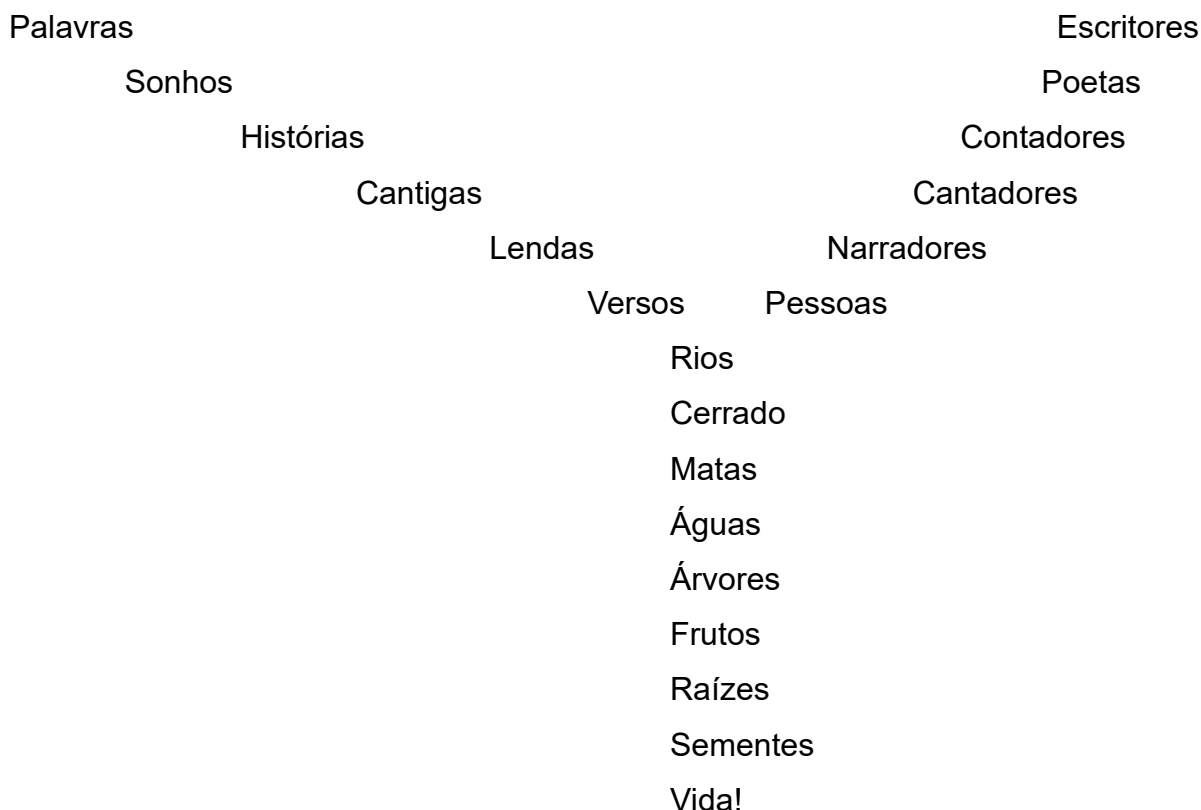
⁷ Entrevista concedida por Roberta Tavares a Gleuter Alves Guimarães. Via GoogleMeet, Dianópolis – TO, 18 de abril de 2024.

⁸ Entrevista concedida por Paulo Albuquerque a Gleuter Alves Guimarães. Gurupi – TO, rádio UNIRG FM, 01 de abril de 2024.

⁹ Entrevista concedida por Chico Chocolate a Gleuter Alves Guimarães. Gurupi – TO, UNIRG FM, 01 de abril de 2024.



O VENTO LEVA AS SEMENTES DOS NARRADORES



PEQUISARAU é o despertar das palavras e o ouvir os narradores que narram de diversas formas as histórias e a poesia da vida de um povo. O Tocantins tem história. Os narradores tocantinenses espalham as sementes e frutos das histórias que aqui nascem, crescem e são levadas pelos ventos de narrativas que se expandem além das próprias paisagens. Através de vozes de pessoas do povo do cerrado e dos rios, por meio da melodia e cantigas que vão pelo ar, por imagens que ultrapassam telas. Conhecer suas narrativas e narradores é transformar palavras em vida e compartilhar sonhos e ideias está na mente e nos versos de quem narra e lança sementes e vozes em encontros debaixo de sombras de pequizeiros para amenizar o calor do sol e ao mesmo tempo aquecer o calor humano com histórias que identificam o povo do Tocantins.



REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, G. A. "PEQUISARAU" Contador de histórias: novos caminhos em tempo de isolamento. **Estudos Avançados Interdisciplinares**. Vol. 32. Brasília: Editora Enterprising, 2024. Cap.8. p.136 – 154.

GUIMARÃES, Gleuter A. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (1h12min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VsRxkeoNAVU&t=3605s> acessado em 21/08/2024.

_____. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (1h00min22s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yty6p72bWto&t=833s> acessado em 21/08/2024.

_____. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (1h13min08s). Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=Flyw_QfyH8I&t=3386s acessado em 21/08/2024.

_____. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (59min20s). Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=RNnQm_ehJLs. acessado em 21/08/2024.

HARTMANN, Luciana. **Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011. 310p.